

10

ECONOMIA

TEMA DO DIA // PERSPECTIVAS

CORREIO BRAZILIENSE

BRÁSÍLIA, DOMINGO, 7 DE DEZEMBRO DE 2003
 Editor Marcelo Onaga // marcelo.onaga@correioweb.com.br
 Subeditores: Maísa Moura e Sandro Silveira
 Tel. 342-1148
 e-mail negocios@correioweb.com.br

BOLSAS	BOVESPA	C-BOND	DÓLAR	EURO	OURO	CDB	INFLAÇÃO
Na sexta (em %)	Índice da Bolsa de Valores de São Paulo nos últimos dias (em pontos)	Título da dívida externa brasileira, na sexta (em US\$)	Comercial, venda, sexta-feira (em R\$)	Turismo, venda (em R\$)	Onça troy na Comex de Nova York (em US\$)	Prefixado, 31 dias (em % ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
+ 2,28 São Paulo	- 0,69 Nova York	20.520 20.879	2,934 (▼ 0,37)	3,641 (▲ 0,77)	406,10 (▲ 1,02%)	16,54	Junho/2003 -0,15 Julho/2003 0,20 Agosto/2003 0,34 Setembro/2003 0,78 Outubro/2003 0,29
Últimas cotações (em R\$)			28/novembro 2,94 1/dezembro 2,92 2/dezembro 2,93 3/dezembro 2,93 4/dezembro 2,94				

ECONOMIA - BRASIL

Cenário animador para 2004

Depois de um período de aperto monetário e fiscal em 2003, economistas prevêem crescimento mais forte no ano que vem, beneficiado pela recuperação externa

DANIELE CAMBA
 ESPECIAL PARA O CORREIO

Dólar estável, taxa de juros em queda, inflação controlada e Produto Interno Bruto (PIB) crescendo. Esse deve ser o cenário da economia brasileira em 2004, que tem tudo para ser, disparado, o melhor dos últimos quatro anos. Apesar dessas projeções animadoras, ainda existe uma grande dúvida se esse crescimento do país vai se sustentar para os próximos anos, ou se o Brasil irá novamente passar pela velha novela de crescer no vazio e nos anos seguintes andar para trás.

Depois de um ano lastimável, como foi 2003 em termos de crescimento, os especialistas apostam suas fichas que em 2004 o Brasil deve crescer entre 3,5% a 4%. Se esse cenário se confirmar, o crescimento do ano que vem só irá perder de 2000, quando a economia cresceu 4,3%. Os mais otimistas acreditam que, dependendo do andamento de alguns indicadores, como a intensidade da queda da taxa de juros, o país corre pode até bater o crescimento de 2000.

Apesar dos números serem bons, não deixam de ser a consequência natural de um ano em que o governo apertou os cintos aumentando a taxa básica de juros (Selic, iniciais de Sistema Especial de Liquidação e Custódia), para conter o fantasma da inflação, e agora pode afrouxar aos poucos, já que a economia parece minimamente nos trilhos. “O crescimento do ano que vem é cíclico, de um país onde a atividade econômica caiu muito e rapidamente, e agora precisa crescer, o que é razoavelmente fácil já que a base de comparação é muito baixa”, diz o economista-chefe do banco Modal, Alexandre Póvoa.

A questão agora é saber se esse crescimento tem alicerce para perder o crachá de provisório e se sustentar pelos próximos anos, assim como tradicionalmente ocorre em países com economias mais estáveis, mas que aqui aconteceu em raras ocasiões.

Além do governo ter tomado as medidas certas de austeridade monetária (juros altos) e fiscal (reduzindo gastos) para colher os frutos a partir do próximo ano, o cenário externo atual de crescimento das principais economias (Estados Unidos,

PROJEÇÕES

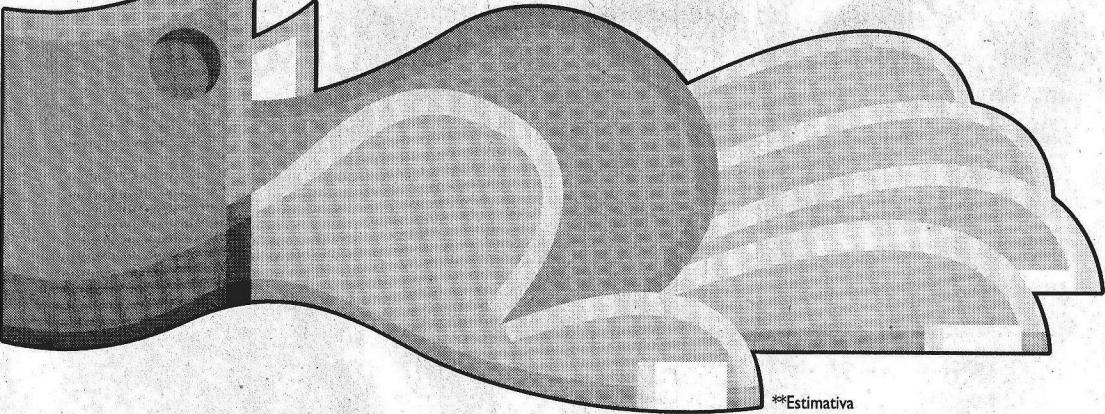
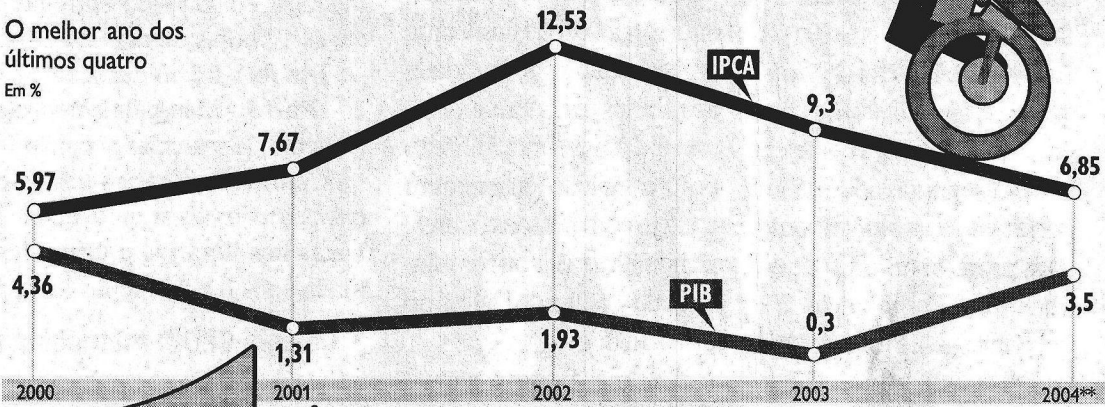
Estimativas para a economia brasileira

Instituição	Dólar	Juros	PIB	Balança*	Inflação	Desemprego
Global Invest	R\$ 3,50	15%	4,1%	US\$ 16,5	5,3%	10%
Lloyds	R\$ 3,25	14,25%	3,5%	US\$ 18,5	6,85%	12%
Belluzo	R\$ 3,25	15%	4%	US\$ 18,0	7,5%	11%
Banco Modal	R\$ 3,30	14%	4%	US\$ 18,0	5,5%	-
LCA Consultores	R\$ 3,20	14%	3,5%	US\$ 20,0	6%	-

*Em bilhões

O melhor ano dos últimos quatro

Em %



Europa e até Japão que não crescia há mais de dez anos) torna o terreno ainda mais fértil para o Brasil crescer. “Essa conjunção de fatores internos e externos positivos vai beneficiar muito o país. Não cresceríamos nessa intensidade sem a recuperação econômica que está começando nesses países”, diz Luís Susigan, economista-chefe da consultoria LCA.

Investimentos

Com o crescimento dessas grandes economias, as pessoas e as empresas estrangeiras estão perdendo o medo de investir em países mais arriscados, como o Brasil. Esse dinheiro é importante porque de alguma maneira acaba alavancando o país, seja pela compra de títulos públicos ou privados, o que financia o governo e as empresas, ou investindo diretamente no setor produtivo, por exemplo, quando multinacionais se instalam no Brasil.

Essa recuperação dos países que fazem parte do bloco dos de-

seenvolvidos também deve fortalecer ainda mais as exportações brasileiras. Por esse motivo, as projeções são de que o saldo da balança comercial (diferença entre exportações e importações) continue sendo altamente positivo no ano que vem.

Bancos e consultorias estimam para 2004 um superávit comercial entre US\$ 16,5 bilhões e US\$ 20 bilhões, o que pode parecer um retrocesso se comparado com o resultado deste ano, que deve ultrapassar com folga a casa dos US\$ 20 bilhões. No entanto, é visto com muito bons olhos, pois será um resultado positivo mesmo em um ano de recuperação da economia, quando tradicionalmente as importações crescem.

“O ano que vem pode perder por muito pouco do ano 2000 na evolução do PIB, mas vai ganhar de longe na balança comercial”, lembra o economista-chefe do banco Lloyds TSB, Odair Abate. Em 2000, as importações superaram as exportações (déficit) em US\$ 697 milhões.

Recursos externos

Por fim, a entrada de dinheiro externo irá ajudar o próprio governo a reativar a economia, baixando a taxa de juros, uma vez que esse fluxo pressiona o dólar para baixo, derrubando junto a inflação. Os especialistas acreditam que a Selic deve fechar 2004 entre 14% e 15% ao ano, contra os atuais 17,5%.

O economista Alexandro Agostini Barbosa, da consultoria Global Invest, lembra que, depois de 1975, a última vez que a taxa Selic se aproximou dos 15% foi durante os dois primeiros meses de 2001, quando esteve em 15,25% ao ano. Mais importante do que a taxa nominal, os juros reais (Selic descontando a inflação) devem chegar no fim do ano que vem abaixo dos 9%, estimulando o investimento no setor produtivo. “Historicamente, quando os juros reais ficam abaixo dos 8,5%, o empresário prefere tirar o dinheiro das aplicações financeiras e investir na produção”, diz Agostini.

